

JOÃO CABRAL DE MELO NETO NA IMPRENSA BRASILEIRA NOS ANOS 1950

JOELMA SANTANA SIQUEIRA*

RESUMO

No presente trabalho, pretendo destacar aspectos da crítica produzida pelo poeta João Cabral de Melo Neto em prol de uma literatura comprometida com a realidade social e com a comunicação com o leitor nos anos 1950, quando, após ser removido da função de vice-cônsul em Londres, permaneceu no Brasil para responder a inquérito, acusado de subversão. Trata-se de um momento importante no percurso desse escritor cuja poética se fez em contínuo movimento de procura e de crítica da poesia.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; literatura e imprensa; poesia e compromisso social; poesia e crítica.

A presença de paisagens sociais relacionadas à vida do homem pernambucano, por exemplo, o sertão, a cidade do Recife, o canavial, o engenho, a usina, a seca etc., são recorrentes na obra de João Cabral de Melo Neto, embora o poeta, seguido de perto por muitos críticos, muitas vezes, tenha reconhecido essa presença apenas a partir da publicação de *O cão sem plumas* (1950). Contrariamente, o crítico português Oscar Lopes (2000, p. 21), quando da publicação do volume *Poesias escolhidas* pela Portugália Editora, em 1963, propôs que Cabral, ao virar do avesso o mito de Aníon, estava a fazer outra coisa mais importante: “não apenas demolia a poesia sobre a poesia, a poetização ruminante, mas nos intervalos dessa arte poética negativa (negativa da ‘poesia dita profunda’) já se estavam depositando, em concreções de imagens, os temas fundamentais de

* Professora da Universidade Federal de Viçosa/ UFV, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: jandrausufv@gmail.com .

seus poemas posteriores”. Merquior (1972, p. 145, grifo do autor), por sua vez, reconhecendo que na história do verso cabralino o ‘patamar’ constituído pelo tríptico de *Psicologia da composição* “se defina efetivamente pela presença de uma ‘poesia da poesia””, destacou que “isto *absolutamente* não significa que aí prevaleça um lirismo ‘abstrato’, afastado da realidade, ainda que para desembocar na condenação desse pretensão isolacionismo”. Acrescentamos que mesmo em seu primeiro livro, *Pedra do sono* (1941), podemos observar a presença de uma cidade litorânea como possível alusão à cidade do Recife, mergulhada em uma atmosfera de dissolução como possível alusão às notícias da Segunda Guerra Mundial que eram transmitidas pelos jornais, daí a presença de vocábulos como “atentados”, “bomba”, “cidades estrepitosas”, “soldado”, “guerra” etc.

O escritor produziu uma obra em movimento de procura e crítica, a respeito da qual Martelo (1990, p. 17-18) observou haver “uma espécie de adensamento no interior de um plano geral onde o sentido de cada obra se completa através da relação que mantém com as outras obras”. Um equilíbrio entre progressão e repetição, que “produz uma extrema coerência” e permite que se leia “a obra como um todo cuja articulação se apoia numa pormenorizada reflexão teórica sobre a produção poética”. Nesse sentido, podemos lembrar que, desde o início de sua estreia como escritor, apresenta-se como um poeta crítico de sua poesia. Em uma correspondência com data de 23 de novembro de 1941 enviada a Carlos Drummond de Andrade, na qual comenta o envio de uma cópia dos poemas de seu primeiro livro ainda inédito, *Pedra do sono*, escreveu que desejaria ter realizado uma poesia diferente:

Sinto que não é esta a poesia que eu gostaria de escrever; o que eu gostaria é de falar numa linguagem mais compreensível desse mundo de que os jornais nos dão notícias todos os dias, cujo barulho chega até a nossa porta; uma coisa menos ‘cubista’ (MELO NETO apud SUSSEKIND, 2001, p.171).

O interesse do poeta por uma literatura comprometida com a realidade social está presente, sobretudo, nas correspondências trocadas

com o poeta Manuel Bandeira na passagem para os anos 1950. No fim de 1949, em uma correspondência enviada de Barcelona com data de 3 de dezembro, João Cabral anunciava a Manuel Bandeira que estava trabalhando lentamente em um poema sobre o rio Capibaribe, tentando cortar “muitas amarras com minha passada literatura gagá e torre-de-marfim” (MELO NETO apud SUSSEKIND, 2001, p.114). A motivação para escrever *O cão sem plumas* (1950) é bastante conhecida dos estudiosos da obra de João Cabral: a indignação de descobrir, em Barcelona, que a expectativa de vida na Índia era maior do que a do Recife. O diálogo com Manuel Bandeira prossegue e, em correspondência datada de 15 de novembro, Bandeira comenta sua incompreensão da corrente abstracionista nas artes plásticas no Brasil, considerando um absurdo o desdém que mostrava pelo que agora chamavam de ‘conteudismo’. João Cabral, em resposta com data de 11 de dezembro de 1951, pergunta ao amigo poeta por que ele não tomava a frente de um movimento contra essa arte abstrata, reconhecendo, porém, que não havia clima político no Brasil para isso, referindo-se ao medo geral provocado pela “Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil”, enviada por Camargo Guarnieri a músicos de destaque, escolas de música e órgãos da imprensa, em 1950, contra a divulgação de Schönberg e do dodecafonismo pelo Grupo *Música Viva* no país, e responsável por atizar ainda mais a discussão em torno dos temas nacionalismo, teoria do realismo socialista e pesquisa estética na música brasileira. Cabral, recuperando termos da carta de Guarnieri¹, proponha que Bandeira, com sua autoridade, poderia tomar a frente de um “movimento de denúncia do abstracionismo em pintura, de seu equivalente atonalismo da música e do neoparnasianismo-esteticismo da Geração de 45”, inadequados para um país pobre como o Brasil. Informava que ele próprio namorou essas coisas quando esteve no país, mas da

¹ Na carta, Guarnieri escreveu: “É preciso que se diga a esses jovens compositores que o dedecafonismo em música corresponde ao abstracionismo em pintura; ao hermetismo na literatura; ao existencialismo em filosofia; ao charlatonismo em ciência” (GUARNIERI, 2017 apud RODRIGUES, 2017, p. 190).

Europa pôde “descobrir como o Brasil é pobre e miserável. Isto é: depois de ver o que é a miséria europeia – enorme da Espanha, Portugal, dura na França, na Inglaterra – acho que é preciso inventar outra palavra para a nossa, cem vezes mais forte”. Declara que “ser abstrato é trágico e ridículo para um brasileiro” e, mais uma vez, propõe que Bandeira, com seu prestígio, “deveria iniciar uma campanha contra o cosmopolitismo de nossos intelectuais” (MELO NETO apud SUSSEKIND, 2001, p. 146).

Em 1956, a Editora José Olympio publicou o volume *Duas Águas*, reunindo livros anteriormente publicados e os inéditos produzidos entre 1954 e 1955, *Morte e vida Severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*. De acordo com Nunes (1974, p. 74), o poeta esclarece preliminarmente a divisão nos seguintes termos: “poemas para serem lidos em silêncio” e “poemas para auditório”. Como destacou Nunes, essa distinção é realizada “na tática de comunicabilidade”, muito importante “para quem, como João Cabral, pretende retirar a poesia moderna de seu alheamento individualista”. A perspectiva de duas vertentes opostas na poesia cabralina, uma poesia “pura” e outra “participativa”, exige cautela, posto que, como observou Nunes, as duas águas “diferem não porque uma seja menos elaborada do que a outra. Ambas atendem a uma perspectiva de construção, pela qual o poeta se distancia de si mesmo e das coisas, tornando-se um agente do discurso, liberado da voz pessoal de seus sentimentos” (p. 73).

Os inéditos do volume *Duas águas* foram produzidos enquanto o escritor permanecia no Brasil, acusado de envolvimento em atividades subversivas ligadas ao partido comunista, posto na ilegalidade em 1947. A acusação ocorreu em 1952, quando João Cabral trabalhava no Consulado Geral do Brasil em Londres e foi denunciado pelo diplomata Mário Calábria, após interceptar uma carta do escritor a Paulo Cotrim Rodrigues Pereira contendo solicitação de um artigo para uma revista do Partido Trabalhista Inglês. Outros diplomatas foram arrolados no processo. Antônio Houaiss, em entrevista disponibilizada no *site* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), informou que Cabral e Paulo Cotrim “tinham uma relação de correspondência objetivada pela

carta de um ao outro”, mas ele e Jatir de Almeida Rodrigues, não, seus nomes foram envolvidos porque “na denúncia do Mário Calábria, dizia-se que como um complô de faz a dois e como nós dois éramos muito amigos dos outros dois, *ipso facto*, estávamos na mesma canoa”.

Removido para o Brasil, em 1953, enquanto respondia ao inquérito policial, João Cabral foi colocado em disponibilidade não remunerada pelo Ministério das Relações Exteriores. Em 1954, por decisão do Supremo Tribunal Federal, foi reintegrado à carreira diplomática, mas permaneceu no país, trabalhando no Departamento Cultural do Itamaraty. Apenas em 1956, quando nomeado cônsul adjunto, é enviado para Barcelona, com a missão de fazer pesquisa no Arquivo das Índias em Sevilha.

Como destacou Godoy (2012, p. 1), em artigo que analisa as partes do processo desse episódio político envolvendo o escritor, a tentativa de intimidação ao poeta João Cabral de Melo Neto, centrada no início da década de 1950, acena para os efeitos da Guerra Fria no Brasil. Concordando com outros autores, Godoy observou que a ascendência norte-americana na Guerra Fria contou com o alinhamento brasileiro. Getúlio Vargas não contava com maior espaço de manobra na política internacional quando de seu retorno, após o mandato de Eurico Gaspar Dutra, e teve que conciliar a pressão nacionalista com alinhamento e desenvolvimento associado. O caso João Cabral de Melo Neto “marca contradições que conduziram ao trágico desfecho do presidente, que se suicidou, em 24 de agosto de 1954” (GODOY, 2012, p. 2).

Vivendo no Brasil após a remoção, João Cabral trabalhou como secretário de redação do jornal *A vanguarda*, dirigido por Joel Silveira, e como comentarista internacional do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer. Na reportagem “Um livro vivo”, publicada na *Folha de S. Paulo* em 28 de agosto 1994 (p. 6), comentando passagens de uma crítica de João Cabral ao livro *A luta corporal* (1954), de Ferreira Gullar, lê-se que

‘A Vanguarda’ foi fundado pelo próprio Cabral em parceria com o jornalista e historiador Joel Silveira. Na época, o poeta estava afastado do Itamaraty em consequência da acusação de exercer atividade comunista, feita contra ele por Carlos Lacerda.

A crítica de Cabral ao poema de Ferreira Gullar também foi publicada no jornal *Última hora* no dia 07 de agosto de 1954. Esse jornal, fundado pelo jornalista Samuel Wainer em 1951, como destacou Mendonça (2008), transformou-se no virtual porta-voz do presidente Getúlio Vargas eleito pelo voto popular. Era um jornal de sucesso, que atraía não apenas verbas publicitárias cada vez mais volumosas, mas, também, a ira de Carlos Lacerda, fundador do jornal *Tribuna da Imprensa*, que publicou, em 27 de junho de 1952, a referida carta de João Cabral. Sobre o processo em cor nas empresas jornalísticas para liquidar “o concorrente afortunado e eficiente”, Sodré (1966, p. 462) observou que foi organizado como “meio, e nisso estava sua essência, de debilitar o Governo, de levá-lo à capitulação”. O *Tribuna da Imprensa*, como destacou Mendonça (2008, p. 9), desde o começo, caracterizou-se “como veículo de divulgação de teses anti-nacionalistas e anti-populares” e, a partir de 1950, teve como principal objetivo “a liquidação de adversários, investindo sobretudo contra o getulismo e a política populista”. A reportagem publicada no dia 27 de junho de 1952 com a manchete “Traidores no Itamarati”, antes de reproduzir a carta de João Cabral, destacava que se tratava de um documento que deixava evidente a infiltração comunista na administração pública:

Há muito se vem falando de infiltração comunista na administração pública. Nunca, porém, como hoje, um documento deixa tão evidente essa infiltração. Desta vez, não se trata de comunistas a serviço do Partido Comunista e sim de comunista a serviço da Rússia (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1952, p. 1).

Em outra página dessa mesma edição do jornal, explicava-se a origem da carta com informações sobre a poesia “hermética” de João Cabral, diferente dos versos atuais, “panfletários”:

João Cabral de Melo Neto, diplomata brasileiro, era no Rio, há tempos, um poeta dos chamados herméticos. Sustentava que a poesia era simples junção de palavras encontradas ao acaso no dicionário. Seguia Valery, detestava os poetas sociais, os engajados, era rigorosamente adepto da poesia pura. E era considerado, com justiça, um bom poeta.

Feito consul em Barcelona, comprou uma pequena tipografia e passou a imprimir, em casa, a conselho médico, como uma espécie de laborterapia – para curar dores de cabeça diárias a que é sujeito – livros fora do comércio, poemas em pequenas edições, muito elogiadas nos suplementos dominicais pelo (sic) raros a quem ele as envia.

Eis, porém, que foi removido para Londres, como consul do Brasil. Ali, em pouco tempo, transformou-se. A tipografia passou a servir para imprimir boletins dos seus novos “amigos”. Valery já lhe parece uma expressão da burguesia decadente. E quando Moscou, pela boca de Aragon, mandou adorar Vitor Hugo, ele passou a considerar Vitor Hugo seu mestre, o seu modelo. Seus versos estão agora repletos de alusões, são panfletários, ardentes e, por sinal, ruins.

Está ligado aos círculos comunistas de Londres, aos quais serve diretamente, sem se subordinar ao P.C. brasileiro (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1952, p. 10).

Observa-se a alusão ao trabalho de editor exercido por João Cabral entre 1947 e 1950, quando imprimiu, em sua prensa manual, sob o selo *O Livro Inconsútil*, 14 obras de autores diversos, duas de sua autoria (*Psicologia da Composição* e *O cão sem plumas*), e uma revista *O cavalo de todas as cores* (1950). A reportagem, em seguida, apresentava informações sobre o envolvimento de Paulo Augusto Rodrigues Cotrim Pereira, destinatário da carta de João Cabral, com o comunismo e desenvolvia uma interpretação tendenciosa da carta de João Cabral para demonstrar seu teor subversivo relacionado ao comunismo. Nas edições dos dias seguintes, o jornal continuou tratando do assunto em manchetes de primeira página: “Desmascarados os que servem a Moscou nos quadros do Itamarati”, de 28 de junho; “Comunistas representam o Brasil em Atenas”, de 29/30 de junho; “Impediu o Itamarati providência de Dutra”, de 5/6 de julho; “Faltam providências no inquérito do Itamarati”, de 7 de julho etc. A edição 5/6 de junho, denunciava “a atitude do Itamarati, em face do caso João Cabral de Melo Neto, só tomando providências mais severas após as revelações feitas pelo Tribuna da Imprensa” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1952, p.10), atestando a participação do diretor do jornal, Carlos Lacerda, nos rumos do episódio. Recorrentemente, o jornal cobrou providências do Itamarati

contra os “comunistas”. Na edição do dia 15 de julho, anunciou que foi publicado em 11 de julho, no *Diário Oficial*, o decreto de remoção do cônsul João Cabral para responder a inquérito, “tendo-se em vista o teor da carta por ele dirigida ao diplomata Cotrim, vice consul do Brasil em Hamburgo” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1952, p. 1). O jornal segue acompanhado o processo e, na edição do dia 19 de novembro, informava que até aquele momento puniu-se o denunciante enquanto os denunciados continuam a agir: “O Sr. João Cabral de Melo Neto passeia no Rio a sua impunidade de traidor comprovado mas apadrinhado” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1952, p. 4).

Vivendo no Brasil após ter sido acusado de envolvimento com o comunismo, João Cabral parece fazer o que sugeriu a Manuel Bandeira. Esse período foi de intensa atividade crítica e literária. Pronunciou a conferência “Poesia e composição” na Biblioteca de São Paulo, em 1952; publicou quatro artigos sobre “A geração de 45”, no *Diário Carioca*, também em 1952; publicou o artigo “Esboço de panorama” na revista *Flan*, e *O rio*, em 1953; participou do Congresso Internacional de Escritores, com a tese “Como a Europa vê a América”, e do Congresso de Poesia de São Paulo, com a tese “Da função moderna da poesia”, em 1954; publicou o volume *Duas águas*, em 1956. É recorrente em seus textos críticos a defesa de uma literatura que trate de temas de interesse social e comunique-se com o público leitor. Por exemplo, no último artigo sobre a Geração de 1945 publicado no *Diário carioca*, defendeu o prosaico na poesia como “muito mais próximo da realidade” e considerou que os poetas jovens, ao descobrirem a literatura, viam “que à poesia se podia exigir tudo, menos, precisamente, integração na realidade” (MELO NETO, 2003, p. 751). Também acusou os autores da ‘novela introspectiva’, para ele, “uma tendência mais do que artificial dentro da vida brasileira” (MELO NETO, 2003, p. 751). Manifestou-se sobre a Geração de 45 em outros periódicos, como o *Diário da noite*, do Recife, em entrevista publicada em 23 de dezembro de 1953, na qual associou o perigo da geração de 45 “ao fato de ser quase toda ela uma geração de poetas desligados da realidade: desligados dos temas da realidade e desligados de qualquer contato com

a realidade essencial da literatura: o leitor” (MELO NETO apud MAMEDÉ, 1987, p. 133). No texto “Da função moderna da poesia”, criticou o individualismo do poeta moderno e a consequente falta de comunicação com o público: “Escrever deixou de ser para tal poeta atividade transitiva de dizer determinadas coisas a determinadas classes de pessoas; escrever agora é atividade intransitiva, é, para esse poeta, conhecer-se, examinar-se, dar-se em espetáculo [...]” (MELO NETO, 2003, p. 768).

A presença de João Cabral foi marcante na imprensa. Em 1952, em entrevista publicada no dia 21 de setembro no *Diário de Natal*, elogiou a poesia espanhola e citou o poeta comunista Miguel Hernández como “um poeta espanhol genial”. Hernández, autor de, entre outras obras, *Viento del pueblo* (1937), faleceu de tuberculose na prisão em 1942 e foi homenageado por Cabral no poema “Encontro com um poeta”, publicado em *Paisagens com figuras* que, segundo Oliveira (2003, p. 18), surgiu no período em que Cabral esteve no Recife e foi produzido antes de *Morte e vida Severina*. Em outra entrevista publicada no dia 19 de outubro de 1952 no *Diário de Pernambuco*, com o título “João Cabral de Melo virá ao Recife”, declarou que “a literatura espanhola é grande porque é, sobretudo, a mais realista do mundo. É a que tem bases mais profundamente populares”. Destacou em Góngora “o realismo, por vezes, rude, áspero”. Comentou que o Movimento de 45 estava praticamente morto e que a responsabilidade da crise do livro que havia entre nós em grande parte “recai sobre os nossos próprios escritores, por serem introspectivos abstratos. No Brasil escrevemos para as classes mais cultas da França e da Inglaterra. E uma literatura que despreza o leitor, só pode viver em crise”. Informou que juntamente com Ledo Ivo tinha “o plano de fazer uma nova revista, uma revista menos abstrata, menos cosmopolita, e mais direta. Procurarei fazer com a poesia o que José Américo, Jorge Amado e José Lins do Rego fizeram com o romance” (MELO NETO, 1952, p. 6). Os romancistas de 1930 são mencionados também no artigo “Esboço de panorama”, publicado na revista *Flan*, recém-lançada em abril de 1953 por Samuel Wainer, ao elogiar a aproximação que havia entre esses e os escritores de prosa histórica e ensaios sociológicos, rompida “desde o momento que a Literatura Brasileira se fez poética e abstrata” (MELO

NETO, 2003, p. 754). João Cabral destaca a preponderância da poesia frente à prosa no mercado editorial e mesmo em relação aos novos contistas, como os que se encontravam reunidos na *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*, de 1949, pois, para ele, muitos dos que se encontram na referida antologia “são poetas”. E acrescenta: “pertencem à natureza da poesia as pesquisas com a linguagem que realiza a sra. Clarice Lispector e o arbitrário das situações e do comportamento dos personagens que se pode encontrar no Sr. Murilo Rubião” (p.755). Para Cabral, dava-se a substituição do objetivo pelo subjetivo; do real pelo “sobre-real” e a preponderância do poético como porta de saída da realidade.

No mesmo ano, em entrevista publicada no dia 14 de outubro de 1953 no *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro, voltou a comentar sobre o distanciamento entre os escritores e o público “porque se afastaram de seus assuntos por diver[sos] motivos: inclusive o medo e o comodismo” (MELO NETO apud MAMEDE, 1987, p. 131).

Portanto, durante sua estada no Brasil, muitas vezes, manifestou-se publicamente a favor de uma literatura comprometida com a realidade social e atenta à comunicação com o público. Esse aspecto tem a ver com sua estada na Espanha e a descoberta da literatura espanhola, mas, também, com a visão materialista do escritor, sem que isso resultasse em um formalismo puro ou um realismo socialista para sua literatura. Durante sua primeira estada Espanha, como destacou Carvalho (2006, p. 11), há pouco tempo do fim da Segunda Guerra e da condenação pela ONU da ditadura de Franco, o escritor “não apenas recebeu contribuições, mas pôde inclusive atuar de forma construtiva na obra de alguns nomes mais importantes da arte espanhola do século XX”. A respeito desse período, Athayde (2000, p. 14) escreveu que o poeta, ao assumir seu primeiro posto no Consulado do Brasil em Barcelona, era “um materialista dialético convicto e exerceu grande influência intelectual (estética e filosófica) nos pintores do grupo *Dau al Set*, entre os quais Antoni Tàpies, para quem “Cabral se fez o intérprete da corrente mais inteligente do marxismo”. Na Espanha, manteve relações intelectuais intensas ligadas à Associação *Cobalto 49*, que, como informou Carvalho (2013, p. 68),

representava uma iniciativa editorial que era a evolução de outra anterior, denominada *Cobalto*. *Arte antiguo y moderno*, e surgiu na esteira da recuperação da arte moderna no pós-guerra espanhol, potencializando a renovação cultural em Barcelona através de publicações, audições musicais e exposições de artes plásticas, entre outras iniciativas.

Os amigos catalães, embora destacando o marxismo em João Cabral, não o consideraram adepto do realismo socialista. A obra *O cão sem plumas* foi escrita em Barcelona e em entrevista a Vinicius de Moraes para a revista *Manchete* em 1953, o poeta disse que foi consequência de ter resolvido “enfrentar esse monstro: o assunto, o tema” (MELO NETO apud ATHAYDE, 1998, p. 104). A mudança do poeta de Barcelona para Londres em 1950 não interrompeu o contato com a literatura espanhola. A esse respeito, vale observar o que escreveu Carvalho (2006, p. 42) sobre os poemas de Joan Brossa registrarem conteúdos de cartas enviadas por Cabral.

O volume 1 dos *Cadernos de Literatura Brasileira* dedicado a João Cabral traz depoimentos de alguns desses amigos sobre o modo como o poeta compreendeu o realismo na arte. Joan Brossa (1996, p. 14), por exemplo, observando que, na época, a moda era o realismo socialista, destacou que João Cabral “não concordava com os preceitos desse realismo na medida em que inibiam a força individual”, explicando que, “para Cabral, a força individual, aquilo que é do artista, não poderia ser oprimido por nenhuma ideologia” (p. 14). Semelhantemente, Antoni Tàpies (1996, p. 15-16), no mesmo volume dos *Cadernos*, informou que João Cabral foi quem, pela primeira vez, alertou-o para o fato de que o dogmatismo não era correto, “era possível preocupar-se com os problemas sociais sem cair no mau gosto do realismo socialista”, mas esclareceu que “o problema de Cabral era enquadrar a pintura abstrata. Ele era contra esse tipo de arte porque ela não permitia qualquer tipo de referência crítica aos problemas sociais”. Recentemente, outro membro fundador do *Dau al Set*, Puig (2017), publicou na Revista *Sibila* o depoimento “Cabral e o marxismo”. A respeito do prefácio de Cabral para o livro *Em vafer Joan Brossa* (1951), considerou que o poeta pernambucano quis “introduzir não precisamente um realismo socialista, mas um realismo social” observando que Cabral

orienta Brossa “a desviar-se do realismo místico, estranho, de bruxas, que há em seus poemas” (PUIG, 2017).

No prólogo traduzido por Mateu (2009), Cabral inicia o texto enfatizando o aspecto social dos poemas como uma nova investida de Brossa, pois considera que o livro “reúne os primeiros passos do autor no sentido de realizar uma poesia mais amplamente humana. Mais amplamente humana, ou seja: com o enorme tema *dos homens*. E não estritamente humana, com os temas de um homem, individual” (MELO NETO apud MATEU, 2009, p. 181). A ênfase no tema social era explicada com a observação de que

o primordial não consiste em abandonar a deformação e a estilização nem, simplesmente, em retornar a uma representação clara do objeto. O efeito primordial é saber que objeto se vai pintar, que objeto é digno de ser pintado. É fazer retornar a arte ao tema *dos homens*. (grifo do autor).

Ressaltava o assunto de interesse social, propondo que “o realismo não é uma questão de forma. É essencialmente uma questão de substância, de assunto” (p. 182), parecendo discordar, por um lado, do formalismo puro e, por outro, do “realismo socialista”, pois observava que Brossa já tinha explorado “as variantes do formalismo e todos os cantos dos gabinetes da magia”, mas, “contrariamente a muitos destes jovens que se debatem entre a atual pesquisa da ‘forma realista’, seguiu o caminho oposto: cantar o ‘real’ com a forma de que dispunha” (p. 183). Para Cabral, a solução encontrada por Brossa foi encarar o próprio “vocábulo concreto”, “da realidade de cozinha, de feira e de fundo de oficina, onde a tinha recrutado”, despojado das “complicadas mitologias” (p. 183). No entanto, ao falar da poesia de Brossa, parece-nos que também está falando de sua própria poesia:

Este livro reúne os primeiros passos que fez Brossa fora da atmosfera impregnada de magia de cartão pedra. A evolução desta nova tendência da sua poesia, o nascimento de uma tendência ao qual assistimos neste livro, frágil como a fonte de onde brota um rio, teria que prosseguir posteriormente: prossegue posteriormente. Eu sinto cada dia mais robusto e forte aquilo que aqui ainda é vacilante e só aponta.

Em consequência, o livro ganha um novo interesse psicológico, já que mostra ao descoberto o processo absolutamente exemplar seguido por Joan Brossa e que estou orgulhoso de ter podido compartilhar (MELO NETO apud MATEU, 2009, p. 184).

A metáfora do rio para falar da obra que prossegue guarda relações com a obra do próprio Cabral, sintetizada, quase seis anos depois, em “Duas águas”. O prólogo, como vimos, foi publicado em 1951 e *O cão sem plumas*, primeiro livro sobre o rio Capibaribe, em 1950. Em entrevista a Vinícius de Moraes, publicada na revista *Manchete*, em 1953, considerou que, nesse livro, a existência do assunto era clara, mas a linguagem ainda era cifrada pelo recurso da metáfora, em suas palavras, “grandes trechos de ‘O cão sem plumas’ são construídos com metáfora” (MELO NETO apud MAMEDE, 1987, p. 131). O poema está “na primeira água”, a de “poesia para auditório”, ao lado de *Pedra do sono*, *O engenheiro*, *Psicologia da composição*, *Uma faca só lâmina* e *Paisagens com figuras*. Sobre o poema *O Rio* (1953), destacou que tentou “usar uma linguagem mais direta” e que acreditava ser “um livro ao alcance da grande maioria” (MELO NETO apud Mamede, 1987, p. 131). No mesmo ano, em entrevista concedida a Jorge Laclette, ao considerar *O Rio* “um poema geográfico”, explicou a influência da poesia primitiva espanhola na parte técnica e disse que tentou fazer “um livro poético com assuntos considerados não poéticos, uma reação contra o rumo que tem tomado grande parte da poesia atual: o jogo de palavras e a rotulação das palavras e assuntos em poéticos e não poéticos” (MELO NETO apud ATHAYDE, 1998, p. 105). O rio Capibaribe é o guia do retirante em *Morte e vida severina*. Sobre essa obra, Secchin (1985, p. 107) observou que, fundada em raízes populares, como *O Rio*, o poeta optou por uma linha discursiva menos complexa, “assentada predominantemente no metro da redondilha maior”.

Como escreveu Nunes (1974, p. 82), ao “epos de *O Rio*”, “sucede a personalização dramática, em *Morte e Vida Severina*, *Auto de Natal Pernambucano*, de um sujeito coletivo e passivo – a gente sem nome que baixou com o rio até o Recife”. O poema-dramático foi escrito a pedido da escritora e dramaturga Maria Clara Machado. De acordo com Cabral

(1996, p. 25), Maria Clara Machado “decidiu não montá-lo porque não o considerava um autêntico Auto de Natal e ainda por cima o Teatro Tablado não tinha os recursos necessários para a encenação”. O texto foi publicado em 1956 e a montagem de sucesso ocorreu praticamente dez anos depois, na inauguração do Teatro da Universidade Católica (TUCA) de São Paulo, em 1966. O espetáculo foi musicado por Chico Buarque de Holanda e, primeiramente, encenado em várias cidades brasileiras, depois, no Festival de Nancy, em Paris, Lisboa, Coimbra e Porto. Em Nancy, ao poeta foi atribuído o prêmio de Melhor Ator Vivo do festival. O sucesso da obra prosseguiu com adaptações para o cinema, em 1977, a televisão, em 1981, e a história em quadrinhos, em 2010.

A explicação para Maria Clara Machado não tê-lo considerado “um autêntico auto de natal” pode estar na dessacralização da morte e da vida, apresentadas por uma perspectiva materialista. O poeta informou ter lido o *Folclore Pernambucano*, de Pereira da Costa (1909), para atender ao pedido de Maria Clara Machado, mas, aos elementos do folclore, acrescentou outros assuntos de conteúdo pernambucano. As fontes da cultura popular pernambucana dialogam com outras fontes das literaturas ibéricas, identificadas por João Cabral na entrevista que concedeu a Secchin (1985): o romance castelhano, o folclore catalão, a tensão galega. Quanto aos temas que assolam os homens, estão presentes: a mortalidade do sertanejo antes dos 30 anos; a substituição dos engenhos pela usina, com a conseqüente falta de trabalho para o homem do campo; o latifúndio; a falta de emprego também na cidade grande, associada às péssimas condições de moradia nos mangues etc. Pode-se notar, então, que *Morte e vida Severina* participa mais ativamente do momento de procura e crítica que João Cabral experimentava nos anos 1950, pautado no interesse do poeta por uma poesia que trabalhe o tema dos homens, no sentido de atentar para o interesse social, e comunique-se com esses mesmos homens. A solução empregada não resultou em uma solução satisfatória para sua poética. Tempos depois, sobre o Auto, em entrevista concedida a Augusto Massi, publicada na *Folha de S. Paulo*, em 30 de março de 1991, comentou o seguinte:

Quando o livro foi publicado, dei para Vinícius e ele veio com o maior entusiasmo. Eu então disse: ‘Olha, Vinícius, eu não escrevi esse livro para você e sim para o público analfabeto. Mas estou vendo que quem gosta do livro são os intelectuais. Para você escrevi *Uma faca só lâmina*, que é uma coisa mais difícil’. Foi ingenuidade minha. *Morte e vida Severina* não chega ao povo analfabeto que consome os romances de cordel (MELO NETO apud ATHAYDE, 1998, p. 111).

As tensões presentes no binômio poesia e leitor na poética cabralina foram discutidas por Solange Fiuza Yokozawa no artigo “Notas sobre poesia e leitor em João Cabral”. Reportando-se aos poemas “Carta feijão”, de *A educação pela pedra* (1966), “O artista inconfessável” e “Anti-Char”, de *Museu de tudo* (1975), publicados também na antologia *Poesia crítica*, de 1982, Yokozawa (2013, p. 8) finaliza suas reflexões apontando para “uma aporia da poesia moderna e cabralina em sua relação com o leitor”. João Cabral, crítico da poesia moderna apartada do leitor, criticou também por meio da poesia “seu ofício poético e o de outros criadores, redundando numa poesia difícil, destinada, sobretudo, a outros produtores e críticos de poesia” (YOKOZAWA, 2013, p. 8). Os impasses irresolvíveis podem tê-lo impulsionado a buscar outras soluções, porém, sempre provisórias.

Em fevereiro de 1957, de Sevilha, João Cabral escreve uma correspondência a Clarice Lispector e Maury Gurgel na qual pergunta se receberam o exemplar do volume *Duas águas*, enviado do Rio de Janeiro nas vésperas de sua partida para Sevilha. Declara que Lispector era a escritora que escrevia a prosa de autor brasileiro que ele gostaria de escrever, mas reconhecia que ambos buscavam realizar coisas distintas.

Chegando ao final desse trabalho, concordamos com Carvalho (2009, p. 272), quando destaca no ensaio “João Cabral de Melo Neto e a tradição do romance de 30”, que há, nos anos 1950, um momento mais prosaico e de uma poesia combativa na obra do escritor. Em 1960, Cabral publica o volume *Quaderna*, iniciado em 1956, quando exercia a função de cônsul adjunto em Sevilha, e finalizado em Marselha, em 1959. Sobre esse livro, escreveu a Lispector em correspondência não datada que “talvez seja o menos ruim que fiz e como já estou em tempo de entrar na idade

ou arteriosclerose, não sei se ainda conseguirei o mesmo nível” (MELO NETO, apud MONTEIRO, 2002, p. 248). Podemos reconhecer aqui a velha falsa modéstia, mas preferimos lembrar que o poeta, mais de uma vez, manifestou-se sobre a suspeita de que não voltaria a escrever. Por exemplo, em entrevista a Secchin (1985, p. 301), informou que quando escreveu *O cão sem plumas*, achou que seria o seu “adeus à poesia”; durante entrevista concedida a Rubem Braga, em 1976, comentou que, com a publicação de *A educação pela pedra*, considerava sua obra acabada aos 45 anos, colocando-se entre os escritores para quem o domínio fácil do fazer, da própria maneira, é insuficiente e decepcionante; e em 1985, despediu-se poeticamente com o poema “O postigo”, de *Agreste*. Consideramos as suas palavras um sintoma de inconformismo para com as soluções poéticas encontradas. Passados os anos 1950, a visão crítica do escritor e sua poesia, para voltarmos à metáfora do rio, seguiram outros cursos, sem encontrar a solução definitiva para esse artista que se mostra sempre em processo. Inegavelmente, podemos observar que, nos anos 1950, acusado de comunista, envolvido, de certo modo, na perseguição aos que faziam parte do jornal *Última hora*, que apoiava Getúlio Vargas, se não podemos provar sua militância política, por outro lado, podemos falar em militância literária no sentido de ter contribuído para a defesa do diálogo da literatura com os problemas que assolavam os homens.

.....

JOÃO CABRAL DE MELO NETO IN THE BRAZILIAN PRESS IN THE 1950S

ABSTRACT

In the current paper, we seek to highlight aspects of the criticism produced by the poet João Cabral de Melo Neto in favor of a literature committed to a social reality and to a communication with his readers in the 1950s when, after being removed from the position of vice-consul in London, remained in Brazil to be inquired, accused of subversion. This is an important moment in the path of this writer whose poetry was created in an ongoing process of poetry search and criticism.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto; Literature and the press; Poetry and social commitment; Poetry and criticism.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO EN LA PRENSA BRASILEÑA EN LOS AÑOS 1950

RESUMEN

En el presente trabajo, pretendemos destacar aspectos de la crítica producida por el poeta João Cabral de Melo Neto en pro de una literatura comprometida con la realidad social y con la comunicación con el lector en los años 1950, cuando, tras ser removido de la función de vice-cónsul en Londres, permaneció en Brasil para responder a una investigación judicial, acusado de subversión. Se trata de un momento importante en la trayectoria de este escritor cuya poética se hizo en continuo movimiento de demanda y de crítica de la poesía.

PALABRAS CLAVE: João Cabral de Melo Neto; Literatura y prensa; Poesía y compromiso social; Poesía y crítica.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Félix de. *A viagem ou itinerário intelectual que fez João Cabral de Melo Neto do racionalismo ao materialismo dialético*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

_____. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 1998.

BROSSA, Joan; TÀPIES, Antoni. O amigo revisitado. In: MELO NETO, João Cabral. *Cadernos de literatura brasileira: João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996. (n. 1).

CARVALHO, Alessandra Vargas de. *Presença do poeta João Cabral de Melo Neto na Espanha: relações literárias e em outros âmbitos da cultura*. 2013. 544 f. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Filologia Românica, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2013.

CARVALHO, Ricardo Souza de. *Comigo e contigo a Espanha: um estudo sobre João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. João Cabral e a tradição do romance de 30. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 23, n. 67, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300030>. Acesso em: 16 jan. 2018.

- FOLHA DE S. PAULO. *Um livro vivo*. São Paulo, 28 ago. 1994, Caderno Mais!, p. 6.
- GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Embargos culturais: João Cabral de Melo Neto no Supremo. 2012. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2012-dez-23/embargos-culturais-poeta-joao-cabral-melo-neto-stf-ms-2264>>. Acesso em: 18 jan. 2017.
- GUARNIERI, Camargo. Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil. In: RODRIGUES, Sérgio (Org.). *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- HOUAISS, Antônio. Entrevista concedida a Silvano Santiago. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/antonio_houaiss_16.html>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- MAMEDE, Zilá. *Civil geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Nobel, 1987.
- MARTELO, Rosa Maria. *Estrutura e transposição: invenção poética e reflexão metapoética na obra de João Cabral de Melo Neto*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1990.
- LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Organizado por Teresa de Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LOPES, Oscar. O primeiro artigo. *Colóquio – Revista de Letras e Artes*, Lisboa, n. 157-158, jul. 2000.
- MATEO, Melcion. O prefácio de João Cabral de Melo Neto a *Em vafer Joan Brossa: teoria e prática do realismo em dois poemas do pós-guerra*. *Anuário de literatura*, v. 14, n.1, 2009.
- MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- _____. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Organização, apresentação e notas de Flora Sussekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. Entrevista: Considerações do poeta em vigília. In: _____. *Cadernos de literatura brasileira: João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996. (n.1).
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. Imprensa e política no Brasil: Carlos Lacerda e a tentativa de destruição da última hora. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 31, 2008. Disponível em:

<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materia04/>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

MELO NETO, João Cabral. João Cabral virá ao Recife. Entrevista concedida ao *Diário de Pernambuco*. Recife, 19 out. 1952. p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/13107>. Acesso em: 14 jan. 2018.

MERQUIOR, José Guilherme. Nuvem civil sonhada: ensaio sobre a poética de João Cabral de Melo Neto. In: _____. *As astúcias da mimese: ensaio sobre lírica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1974. (Coleção Poetas Modernos do Brasil, 1).

OLIVEIRA, Marly. João Cabral de Melo Neto: breve introdução a uma leitura de sua obra. In: MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

PUIG, Arnau. Cabral e o Marxismo. *Sibila – Revista de Poesia e Crítica Literária*, abr. 2017. Disponível em: <<http://sibila.com.br/cultura/o-marxismo-a-maneira-de-cabral/13051>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Comunistas representam o Brasil em Atenas. Rio de Janeiro, 30 jun. 1952, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/9102>. Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. Desmascarados os que servem a Moscou nos quadros do Itamarati. Rio de Janeiro, 28-29 jun. 1952, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/9090>. Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. Faltam providências no inquérito do Itamarati. Rio de Janeiro, 7 jul. 1952, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/9174>. Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. Traidores no Itamarati. Rio de Janeiro, 29 ago. 1952, p. 1- 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/9078>. Acesso em: 16 abr. 2018.

_____. Impediu o Itamarati providências de Dutra. Rio de Janeiro, 5-6 jul. 1952, p.1/10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pagfis=9171>. Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. Publicado o decreto de remoção do cônsul. Rio de Janeiro, 15 jul. 1952, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/9258>. Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. O patriotismo do presidente e o incidente com o Irã. Rio de Janeiro, 19 nov. 1952, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/10541>. Acesso em: 18 abr. 2018.

YOKOZAWA, Solange Fiuza. Notas sobre poesia e leitor em João Cabral. *Anais do SILEL*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 1-9, 2013.

Submetido em 16 de fevereiro de 2018

Aceito em 3 de abril de 2018

Publicado em 30 de julho 2018
